



Coração e voo

A vocação de Glicério

Marcelo Benítez

 **COLECCIÓN
materiales**

Coração e voo. A vocação de Glicério

Autor: Marcelo Benítez



Publicaciones ICCE

(Instituto Calasanz de Ciencias de la Educación)

Conde de Vilches, 4 - 28028 Madrid

www.icce.es

Responsable del equipo de traductores: P. José Pascual Burgués
publicaciones @scolopi.net

Reservados todos los derechos.

Cualquier forma de reproducción, distribución, comunicación pública o transformación de esta obra solo puede ser realizada con la autorización de sus titulares, salvo excepción prevista por la ley. Diríjase a CEDRO (Centro Español de Derechos Reprográficos, www.cedro.org), si necesita fotocopiar o escanear algún fragmento de esta obra.

Índice

O anel	5
Um jovem em frente ao espelho	9
O fervor transbordado	13
Aqui é meu lugar	17
Permissão para ir para o Céu	21
De Cristo como Glicério	27

*Para os Glicérios de ontem e de hoje,
que entregam as primícias de suas vidas
a Cristo nas Escolas Pias.*

O anel

O menino correu entusiasmado atravessando o jardim. Ele ficava olhando pelo canto do olho para o anel de ouro que brilhava em seu dedo anular. Refugiou-se em seu canto preferido, onde brotava uma fonte, e ficou contemplando a pequena e valiosa joia. Enquanto isso, ele se lembrou da conversa que tiveram. Aconteceu no cômodo principal da enorme casa que ele ocupava com seus pais e irmãos. Eles moravam na área mais bonita de Milão.

- “É uma herança da nossa família”, dissera-lhe o pai. Ainda não cabe muito bem em você, mas sua mão logo crescerá. Quando menos o pensemos, você poderá dá-lo a quem lhe ofereças com ele o teu amor e a tua vida. O dedo anular se conecta diretamente ao coração. Este te indicará a senhora a quem estão destinados este anel e tua vida, meu Glicério.

- “Então não é para mim”, afirmou o menino, com uma pergunta nos olhos.

- “Fomos feitos para nos dar, para entregar-nos, não para acumular, filho. Não adianta ter, mas sim dar a quem amamos. Quando teu coração tiver uma dona, você dará a ela não apenas o anel, mas toda a tua vida. Você terá que escolher bem. Ela tem que ser a melhor mulher que você puder encontrar. Um Landriani não pode ficar satisfeito com menos.

Agora, junto à fonte, no seu recanto secreto, repassava tudo o que o seu pai lhe tinha dito.

- “Tenho que escolher a melhor”, disse a si mesmo. A quem pertença o meu anel pertencerá o meu coração.

Dois anos se passaram desde aquela conversa, seu querido pai havia morrido e o anel de ouro de que ele tanto gostava atraía novamente seu olhar e isso lhe causou novos sentimentos. Não estava mais solto, até se ajustou um pouco. Olhando para ele, Glicério sentiu-se tão grande e importante quanto o pai. Percebia também um certo peso, o de escolher bem a quem dá-lo. Pensava nas meninas que conhecia, as vinculadas à família, nas que via em festas e passeios. Qual seria a indicada? Seu destino parecia depender dessa decisão.

Como sempre quando se encontrava em apuros, procurou a calma na silenciosa capela dedicada à Virgem de Loreto. Para lá ele sempre fugia com Francesco, fiel companheiro em todas as suas aventuras. Desta vez foi sozinho. Acendeu uma vela para a Virgem e ajoelhou-se diante da imagem amada.

- Santíssima Virgem, você sempre me escuta e me ajuda em todas as minhas necessidades e me livra de todos os problemas. Peço que me mostre a quem devo dar meu anel e meu coração. Mostre-me de quem eu serei. Que ela seja, como dizia meu pai, a melhor senhora por quem viver e lutar...

Imagens vieram à sua mente dos livros que lia e apreciava desde pequeno: nobres cavaleiros servindo a honra de damas ainda mais nobres; gestas, aventuras, lutas e honra; grandeza e prêmios, riquezas e palácios da corte; canções, danças, façanhas que lhe inflamavam a alma.

Outras imagens e histórias também apareceram: seu parente materno, São Carlos Borromeu, grande arcebispo que serviu aos apertados e reformou os costumes da cidade e de toda a região, combatendo os vícios e ganhando almas para Cristo; o outro grande pastor milanês, que lhe deu o nome, São Glicério; Santo Ambrósio que com sua ardente pregação tocou o coração de Santo Agostinho...

Por fim se fixou, e se encantou, com a imagem do humilde São José, casto esposo e guardião da Virgem Maria. Quanto ele teve que passar para cuidar do Senhor e de sua Mãe! Lembrou-se também de outro santo preferido, aquele da águia, São João Evangelista. O mais jovem dos apóstolos e o mais próximo do Senhor. Aquele que recebeu a sua Mãe aos pés da cruz. E, sobretudo, que partilhou o mesmo modo de vida virginal que Cristo e Maria levaram.

De repente, voltando de seu devaneio, ele viu sua pequena vela quase completamente consumida. Elevou os olhos para os de Nossa Senhora e sentiu um impulso em seu coração que não conseguiu conter. Ele tirou o anel da mão e o deixou escondido em uma pequena fenda; ali mesmo, entre o corpo da Virgem e o do seu Divino Filho. Da sua alma, acompanhando o gesto, brotou a oração.

- Não existe senhora mais bonita ou nobre que você. Eu não vou mais procurar outra. Se você aceitar meu presente, Senhora Bondosa, meu coração será para sempre seu e toda a minha vida será para servi-la para a glória de seu Filho e meu Senhor.

Um jovem diante do espelho

- Esse corte de cabelo não parece como eu esperava. Meu cabelo nunca dura do jeito que eu gosto e meu nariz cresceu demais - Glicério disse para si mesmo, preparando-se para sair.

Pelo menos suas novas roupas de seda estavam bem ajustadas. Realmente combinava muito bem com ele. Sua altura e boa constituição se destacavam. Conseguir essa “figura” lhe custou muito. Com bons investimentos obteve os primeiros lucros conseguidos com o título de abade comendatário que tinha herdado. Claro que ele não era um monge. Na sua família eram herdeiros legítimos de uma antiga abadia, já sem monges, e com excelentes terras que davam boas colheitas e melhores lucros. Além dos rendimentos, recebeu o título honorário de abade.

“Senhor Abade”. Ele gostou que Francesco o chamasse assim. Ele agora era seu principal assistente. Eles não se tratavam mais com a mesma familiaridade que tinham quando eram crianças. Ainda mais respeito lhe foi prestado pelos outros servos de sua residência recém-inaugurada em Roma. Isso lhe agradava. Os Landrianis sempre voaram alto e ele provaria isso. Depois de verificar novamente com satisfação o seu reflexo lustroso, retocando pela enésima vez os cabelos, dirigiu-se determinado ao encontro do cardeal Carlo Pio. Ele era um velho amigo da família e apoiaria de bom grado seus grandes planos.

Depois de fazer-se anunciar com toda solenidade, entrou no gabinete do prelado com desenvoltura e fez uma reverência estudada. Ele ficou instantaneamente surpreso com o olhar que recebeu e ainda mais com as palavras.

- Quem é você e o que está fazendo aqui? - disse o venerável velhinho com firmeza e com certa agressividade.

Será que o bom velhinho estava verdadeiramente velhinho?, perguntou-se Glicério com crescente preocupação. Ele reuniu suas forças e continuou.

- Como assim, quem sou eu? Eminência. Sou Glicério Landriani, sobrinho do Cardeal Federico Borromeo. Vim para Milão depois de ter estudado em Bolonha. Tenho alguns planos, dos quais quero conversar e para os quais conto com você. Meu tio, o arcebispo de Milão, lhe contou por carta.

- “Eu não o conheço”, lhe respondeu secamente, longe de sua gentileza habitual.

- Claro que você me conhece. Você se sente mal, isso é uma piada ou...?

- Não me lembro, como já lhe disse claramente. O Glicério que conheço é um jovem muito diferente daquele que está diante de mim agora. Ele é um menino simples e devoto, ansioso por servir a Cristo. Ele tem zelo pelo bem das almas. Por amor a elas ele estuda. Por elas ele reza assiduamente e faz penitência. É um fiel imitador do seu tio-avô e grande santo dos nossos tempos, São Carlos Borromeo. Conheço bem o meu bom Glicério Landriani. Aquele que estou vendo agora, com esse terno, esses arranjos e essas maneiras, não se parece em nada com ele.

Glicério ficou profundamente comovido. A recriminação recebida penetrou nas profundezas da sua sensibilidade. Foi um golpe em sua armadura e um despertar. Ele humildemente reconheceu a dura verdade. Ele havia abandonado, quase sem perceber, a busca da santidade. Ele se deixou seduzir aparecendo e fingindo. Ele tinha vergonha de sua inocência e devoção, elas lhe pareciam infantis. Ele se orgulhava de sua posição social e de suas perspectivas futuras. Ele se sentia muito importante. Que tolice!

Pela janela aberta para a rua ouvia-se o canto de uma procissão:

*“Vaidade das vaidades
e tudo é vaidade.
Todo o mundo
e tudo o que há nele,
tudo é vaidade.”*

Eram os discípulos de Felipe Neri que peregrinavam a uma das sete basílicas. Seria bom para ele juntar-se agora à marcha daqueles homens felizes e desapegados de tudo. Fugiria assim da vergonha da reprimenda e do maior horror da verdade que a sustentou.

De que adianta um homem ganhar o mundo inteiro se perder a própria alma? De que adiantava tudo o que estudou em Bolonha, a melhor universidade com os mais excelentes professores, e o que agora continuava a aprender com os dominicanos de Minerva, se a sua vida não estava no bom caminho? Uma forte clareza tomou conta de sua alma e de alguma forma a selou para sempre: *Deus super omnia*. Deus acima de todas as coisas.

Nos dias seguintes amadureceu uma convicção serena e alegre sobre a sua identidade. Esta convicção não chegava a ele por nenhum espelho, mas pela contemplação do Crucificado.

- Eu sei quem eu sou. Eu sou Glicério de Cristo.

O fervor transbordado

Glicério não era um jovem medíocre. Quando percebeu que estava desperdiçando os melhores anos de sua vida em coisas sem sentido, dedicou-se decidida e completamente a todo bom trabalho que encontrava. A vaidade se transformou em fervor transbordante. Ele deixou de viver esperando o aplauso dos outros e passou a querer conscientemente ser um louco de Cristo.

Ele imediatamente deixou o palácio, roupas e servos. Abandonou todo conforto. Foi morar com um padre português um tanto excêntrico, Pe. Méndez, que tinha fama de santo. Seu fiel Francesco Selvaggi tentou segui-lo até seu novo lar e vida.

- Não preciso mais de servos. Serei um mendigo de Cristo e um servo dos seus pobres. “Não posso mantê-lo comigo, Francesco, nem pagar-lhe pelo seu trabalho”, disse ele sinceramente ao seu companheiro de infância, filho do palafrenero de seu falecido pai.

- Que bom! - Francesco respondeu com alegre resolução—. Assim poderei ir com você como amigo e voltar a estar em pé de igualdade, como quando éramos crianças. Realizaremos proezas melhores para a glória de Deus.

Glicério abraçou-o e lhe pediu perdão pelo que o fizera sofrer enquanto vivia à mercê do orgulho vão. Eles imediatamente começaram uma nova vida como pobres mendigos de Cristo. Sentiram uma alegria avassaladora.

O Pe. Méndez liderou um grupo entusiasmado e extravagante ao qual os dois amigos se juntaram. Na sua casa em Roma, para onde se mudaram, rezaram durante muito tempo, às vezes até 40 horas seguidas, com muitas demonstrações de devoção marcantes e bas-

tante exageradas. Procuraram também resgatar mulheres que, por pobreza ou abandono, foram forçadas à prostituição ou corriam sério risco de fazê-lo. Eles as ajudaram a se estabelecer com bons empregos e a formar uma família cristã. Forneceram apoio material e espiritual. A riqueza do Glicério servia para sustentar essas novas casas e para ajudar quem era pobre. Quando não tinha mais dinheiro, ele começou a dar o que vestia. Muitas vezes no inverno ele voltava para sua nova casa descalço e com frio, mas sempre sorrindo; feliz porque tudo foi entregue aos pobres de Cristo.

Cada dia era uma nova aventura. Doentes, idosos, presos, peregrinos, mendigos, órfãos e viúvas, ele tinha para todos e dava a todos. E quando não sobrou nada, ele mesmo mendigava para continuar distribuindo.

“Se você quiser me seguir, venda tudo o que você tem e dê aos pobres”. Aquelas palavras do Senhor voltavam para ele repetidas vezes e sempre o incentivavam a fazer mais. Ele as repete muitas vezes em cartas ao tio, o cardeal Federico Borromeo, e acrescenta: *“Meu coração não se contentará com mais nada, pois quero ser o dispensador de tudo o que meu Senhor me deu”.*

Certa vez, Glicério saiu em peregrinação sem avisar ninguém, nem mesmo Francesco, para não ser detido. No caminho, ele deu todas as coisas que carregava. Chegou a um monte sagrado, lugar de oração, descalço e vestindo os trapos do último mendigo com quem trocou de roupa.

Os eremitas do lugar adivinharam pela sua linguagem e maneiras que ele não era o que parecia. Deixaram-no passar a noite num lugar pequeno e isolado, depois de vê-lo servir devotamente a Santa Missa. No terceiro dia, seus amigos e familiares o encontraram, após um grande susto, e o repreenderam pela imprudência. Ele aceitou a repreensão com humildade. Ficou claro que ele precisava de melhor orientação para seu coração ardente.

Uma alma tão grande, com um temperamento tão explosivo e ousado, que o levou à aparentes loucuras, precisava de um mentor sábio e equilibrado. Como a onda desbordante de fervor assustou as pessoas mais próximas dele, o próprio Papa Paulo V, amigo próximo da sua nobre família, teve de intervir. O mandato do pontífice para Glicério era muito claro.

- Desde pequeno tens oferecido a tua castidade à Santíssima Virgem, recentemente abraçaste ardentemente a santa pobreza, é tempo de aprenderes o caminho da obediência.

O Papa colocou-o sob os cuidados do Pe. Domingo Ruzzola de Jesus e Maria, carmelita descalço. Este bom frade soube canalizar a sua alma pelo caminho da perfeição e ordenar o seu ardor apostólico. Para tudo isso, utilizou a doutrina de Santa Teresa de Jesus e de São João da Cruz.

Ele certamente foi um guia melhor porque o guiou da maneira que Deus o guiava. Reforçou a ação da graça em sua alma. Entendeu que o motor que movia Glicério era o mesmo que lhe dava direção e estabilidade. O segredo de Glicério não era outro senão o seu vínculo profundo, amoroso e contínuo com Jesus Cristo, seu Senhor. Deste amor retamente vivido, segundo a fé e a razão, poderiam ordenar-se todos os outros afetos e sentimentos.

Tal foi a paz que encontrou sob a orientação do Pe. Domingo que pensou que talvez fosse um sinal divino. Será que Deus gostaria que ele fosse um carmelita descalço? O ideal de pertencer a uma ordem reformada, toda de Maria, para viver em obséquio de Jesus Cristo, o faria voar até o mais alto. O Pe. Domingo ouvia atentamente a voz de Deus que ressoava no coração de Glicério. Ele o surpreendeu profundamente quando lhe disse que sentia que outro era o lugar que o esperava. Haveria outro diretor espiritual, desta vez o definitivo, esperando por ele.

Glicério havia aprendido naquela época o valor da docilidade quando o guia era íntegro e sábio. Ele confiou, então, no bom senso daquele que tanto bem lhe fez. Ele se preparou, com desapego de si mesmo, para o que pudesse vir. Com os salmos cantou uma oração que vinha do fundo da sua alma. *Mostra-me, Senhor, os teus caminhos, ensina-me as tuas trilhas.*

Aqui é meu lugar

Ainda fazia calor em Roma, embora já fosse outono. Após acompanhar os alunos até suas casas, no dia 29 de setembro de 1612, Glicério escreveu ao tio Federico:

“Deus super omnia Christus

Ilustríssimo e Reverendíssimo Padre em Cristo:

Estou nas Escolas Pias de Roma, onde frequentam até 800 crianças e jovens, e até agora só ensinei gramática. E aqui vim sem querer, apenas por pura obediência aos superiores. É bem verdade que o meu coração o desejava bastante, mas não o expressei porque não demonstrava afeto por nada, mas estava resignado em tudo à vontade de Deus nosso Senhor e dos superiores. Agora estou certo de que é a vontade de Deus nosso Senhor, e espero que o Senhor queira usar-me para esta sua obra, que é tão importante que me enche de espanto, porque estes filhos dos pobres, que normalmente andam pelas praças sem qualquer restrição de temor a Deus nosso Senhor, sendo vítimas de toda desonestidade em palavras e atos feios, aqui se afastam de não fazer nada e do mal, e com ajuda divina se dedicam a exercícios, não só do espírito, mas também de conhecimento da doutrina cristã. Aqui recebem papel, canetas, terços, doutrinas cristãs, livros espirituais, pelo amor de Deus, e Ofícios Parvos da Virgem, para que deixem as suas vaidades e se eduquem no serviço de Deus; e não se pode realmente dizer o quanto é importante para estas crianças, que não adquiriram um mau hábito, começar a trabalhar com eles no tempo certo. Oh, que felicidade, que doçura se encontra! Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo!...”

O Pe. Domingo Ruzzola foi correto em sua orientação e o tinha conduzido às Escolas Pias. Ele estava agora sob a tutela do Pe. José de

Calasanz, conhecido em Roma pela sua vida e dedicação aos pequenos e pobres. Glicério não chegou sozinho, mas arrastou consigo o seu fiel Francesco Selvaggi, claro, e mais quatro bons amigos.

As Escolas Pias, desde o coração de Roma, procuravam educar os filhos do povo na vida cristã e possibilitar o acesso à cultura. Procuraram renovar os costumes corruptos da época e fornecer um bom remédio para os vícios e males que enfraqueciam o Cristianismo.

Calasanz, que começava a envelhecer, recebeu o presente que tanto pedia. Ele estava esperando por um sucessor que pudesse preparar com antecedência e depois ser o responsável da obra. E este jovem de 22 anos, fervoroso, bem preparado e com melhor disposição, foi a resposta completa aos seus pedidos. Além disso, ele não veio sozinho, mas trouxe consigo outros que se juntaram com entusiasmo à tarefa.

Glicério valia por cinco e veio com mais cinco. A sua chegada foi motivo de festa e Calasanz sempre a considerou um presente particular da Bem-Aventurada Virgem Maria. Até aquele momento seus colaboradores eram pessoas mais velhas e até mesmo pessoas idosas como Dragonetti. O venerável Pe. Gaspar Dragonetti, siciliano, chegou às Escolas Pias aos 90 anos e ali educou até à sua morte, aos 115 anos. Com o jovem Landriani e os seus amigos, Deus dava vida e futuro às Escolas Pias.

Glicério não foi apenas um colaborador incondicional de Calasanz e um generoso benfeitor da sua obra, tornou-se o seu melhor discípulo e o seu filho mais querido. As duas almas encontraram-se unidas pelo mesmo ardor do Espírito Santo. Eles tinham uma afinidade e uma familiaridade que não vinham da carne e do sangue, mas de Deus. Bastava que eles se olhassem para se entenderem. Se complementavam de uma forma surpreendente. Os dois, mais o velho Dragonetti, eram imparáveis. Eles demonstraram isso fundando, os três, contra todas as probabilidades, as Escolas Pias em Frascati.

Glicério encontrou em Calasanz um professor de sabedoria, que soube canalizar toda a torrente de fervor que fluía do seu nobre coração. Desde que decidiu permanecer nas Escolas Pias sob a obediência de Calasanz, não houve mais raridades no seu entusiasmo juvenil, mas sim uma dedicação diária, perseverante e amorosa.

Calasanz encontrou no Padre Abade, como o chamava carinhosamente, o seu melhor aliado na luta para conquistar o coração das crianças e dos jovens para Cristo. Maravilhava-se com tudo o que sua criatividade trazia para enriquecer as Escolas Pias.

Foi assim que do coração já escolápio de Glicério surgiram coisas novas enraizadas no tronco calasâncio: a oração contínua dos alunos em turnos durante as aulas; o acompanhamento nas filas até suas residências no final do expediente escolar; a extensão da tarefa educativa com a catequese dominical nos bairros... Glicério fazia florescer e dar frutos tudo o que tocava.

Ele até elaborou um plano para treinar estudantes mais velhos como evangelizadores através de um curto curso de três anos em Filosofia e Teologia. Escreveu ao tio: *“Porque nos parece uma invenção inspirada pelo Espírito Santo, esta brevidade de fazer estes cursos para quem quer saber o que é necessário apenas para a glória de Deus e a salvação das almas.”*

Acontece que o Glicério estava totalmente envolvido e queria envolver a muitos mais. Ele era um multiplicador nato. Foi destinado por Deus a ser o primeiro de muitos jovens que encontrariam o seu lugar ao lado de Calasanz, nas Escolas Pias, para sempre.

Todas as noites, ao lembrar o que viveu durante o dia, Glicério expressava gratidão, emocionado: *Como é tremendo este lugar: casa de Deus, porta para o céu!* E na manhã seguinte, ao acordar, levantou-se, como sempre o fizeram todos os escolápios, sussurrando e cantando em seu coração:

*Quão desejáveis são tuas moradas, Senhor do universo!
Minha alma se consume e anseia pelos átrios do Senhor,
meu coração e minha carne se alegram pelo Deus vivo.
Até o pardal encontrou um lar;
a andorinha, um ninho para colocar seus filhotes:
teus altares, Senhor dos Exércitos, meu Rei e meu Deus.
Felizes são aqueles que moram na tua casa, sempre te elogiando!*

Glicério havia encontrado o seu lugar.

Permissão para ir ao céu

Todo dia 25 de março celebra-se o sim da Virgem Maria à sua vocação de Mãe de Deus e o feliz acontecimento da Encarnação do Senhor. O de 1617 foi um dia de grande festa nas Escolas Pias. Glicério assistiu com entusiasmo à tomada de hábito dos primeiros noviços escolápios. Foram quatorze os primeiros companheiros do Pe. Calasanz, hoje Pe. José da Mãe de Deus. Eles formaram a nova comunidade religiosa que o Papa Paulo V estabeleceu na Igreja.

Serão chamados Pobres da Mãe de Deus. Viverão somente para Cristo em castidade, extrema pobreza, obediência e dedicação ao cuidado das crianças. Calasanz será seu superior.

É tudo quanto Glicério desejava. O que vinha pedindo insistentemente há muito tempo. No entanto, ele não está entre o grupo de iniciadores. O que aconteceu? No momento culminante, seu fervor desapareceu, sua generosidade diminuiu, sua determinação falhou? Nada disso. Não há outra razão senão os malditos laços de bens materiais, que são uma ajuda e um obstáculo ao mesmo tempo. Muitas vezes a riqueza do Glicério foi um grande recurso para as Escolas Pias. Eles até permitiram que comprassem a casa onde estavam instalados. Mas agora eles eram um grande obstáculo. Enquanto os procedimentos de renúncia aos muitos bens e títulos que possuía não foram concluídos, e foram feitos da forma exigida em Milão, Glicério não estava livre para se tornar um religioso escolápio.

Calasanz, há poucos dias, quando as coisas ficaram estagnadas e o ânimo de seu querido filho desmoronou, ele o consolou o máximo que pôde.

- Meu querido Padre Abade, você verá que em breve deixará de ser Padre Abade, para ser Irmão Glicério de Cristo. Você será um Pobre

da Mãe de Deus nas Escolas Pias. O que é esperar alguns dias ou meses quando você tem toda a vida pela frente? Uma pequena demora e contratempo, tirados da mão de Deus, são ocasião para um pequeno sacrifício por frutos maiores e mais saborosos. Por anos e para sempre você é um de nós. Minha alma te reconhece como um escolápio completo. Um anjo da infância. É por isso que vou manter no meu coração o seu. Assim como tomo para mim o hábito, no desejo também o tomarei para ti, até que em breve eu mesmo possa impô-lo a ti, como Elias deu o seu próprio manto a Eliseu.

Glicério sorriu confortado, aceitou a prova e esperou.

Três meses depois, em 2 de julho de 1617, com todas as demandas legais resolvidas e livres de encargos e ônus, chegou o que era esperado. Foi revestido com o pobre e simples hábito preto das Escolas Pias. Assim começou o noviciado com grande alegria e amor ardente. Naquela noite, vestido com o hábito escolápio, mais feliz do que nunca tinha experimentado, quando vestia caros ternos de seda, ajoelhou-se diante de sua amada Virgem de Loreto e disse-lhe:

- Quando eu era menino você aceitou meu anel e meu coração, amada Virgem, minha Senhora. Hoje você me dá algo muito melhor do que eu te dei: ser seu pobre e me colocar a serviço de seu Filho, em seus seres mais pequenos e mais necessitados. Acolha, Mãe da graça, minha pequena oferenda. Favoreça e proteja esta pobre criatura, cheia de pecados. E obtenha de Jesus o perdão de todas as minhas culpas. Ajude-me agora e sempre e na hora da minha morte. Amém.

Ao ver a vela quase acabando, lembrou-se das que acendia quando criança e teve a sensação de que talvez ele também se extinguísse em breve.

A doença o visitou alguns meses depois. Veio para ficar, por mais que as pessoas orassem por uma recuperação total. Glicério ficou tentado a pensar que a culpa era dele. Ele tinha ido longe demais nos jejuns e nos sacrifícios. De forma imprudente, tinha comido mal, dormido mal e se tinha desabrigado. Talvez aconteceu algo assim. A entrega, porém, já havia sido feita e a sorte estava lançada.

Além do sempre fiel Francesco, Calasanz o visitava com frequência. Ia desde São Pantaleo até a casa do noviciado. Lhe levava saudações do Padre Gaspar Dragonetti. Eles riram lembrando das aventuras

que os três compartilharam quando fundaram as Escolas Pias em Frascati; como se fossem avô, pai e filho. Calasanz, Glicério e Dragonetti infundiram calor familiar naquele colégio. Trouxeram a preciosa imagem da Rainha das Escolas Pias que agora protegia não só a casa escolápia mas toda a cidade. Lembraram também a peregrinação de Glicério a Loreto. Ali a Virgem gentilmente lhe confirmou que o queria com Calasanz e as últimas reservas que obscureciam sua decisão de ser escolápio foram esclarecidas. Além disso, tantas outras histórias alegres com os alunos: aulas e caminhadas, brincadeiras, músicas e muita oração. Nestas conversas sempre veio à luz o desejo partilhado de que a comunidade das Escolas Pias fosse elevada de simples congregação a Ordem religiosa para maior perfeição e estabilidade na dedicação.

Calasanz e Glicério aceitavam o que acontecia com a sua saúde cada vez mais deteriorada. Mesmo que a situação fosse adversa e tão difícil de aceitar, chegava da mão paterna do Deus bendito, para o verdadeiro bem. O Pai Celestial era tão poderoso que, sem dúvida, obteria enormes bênçãos de tais males.

Quando a fraqueza era tão aguda que o resultado final era iminente, Glicério pediu a graça de poder fazer antecipadamente a profissão perpétua. Calasanz obteve a desejada permissão do Papa. Foi a última alegria que Glicério teve na terra. Ele emitiria, o primeiro de todos, antes mesmo do próprio fundador, seus votos perpétuos como Escolápio.

Foi assim que o servo de Deus, perante a comunidade reunida, professou ser todo de Cristo e da Virgem ao serviço das crianças para sempre. Um ato realizado da forma mais solene, precedido de uma vida em que já havia praticado tudo o que agora prometia.

Uma vez retirados os irmãos e na intimidade do diálogo com Calasanz, Glicério foi encorajado a expressar-se com a maior franqueza.

- Padre José, você vê que não serei seu sucessor. Mas estou feliz por ser seu filho - e, sussurrando, ousou acrescentar com um sorriso - seu primeiro filho.

Calasanz, emocionado, tentou silenciá-lo para que não ficasse agitado ou exausto. Mas Glicério, decidido como sempre mesmo no momento final, reuniu forças e continuou.

- Pedi um presente à Santíssima Virgem e sei que ela me concederá. Não é para mim, é para as Escolas Pias. Na realidade, é para toda a Igreja de Deus. “Eu gostaria” - corou e baixou o olhar - “se o Senhor, na sua misericórdia, me permitir, estar na glória que anseio junto à Virgem Maria.”

Então ele ergueu os olhos, que brilhavam ardentemente, e continuou resolutamente com sua confiança.

- Desde aí, (desde o céu), espalhar o mesmo fogo que Deus colocou em mim em mais corações jovens, para que nunca faltem aqueles que querem ser Pobres da Mãe de Deus nas Escolas Pias. Assim será multiplicada a maior graça, depois da fé, que recebi na terra. Fiz meus votos perpétuos a Deus e à Virgem para o céu. E a Virgem é tão gentil que aceitou minha pequena oferenda; mais uma vez, para sempre.

Calasanz não conseguiu responder, mal conseguiu assentir e apertar com força a mão aberta de Glicério. A mesma onde tinha estado o anel abençoado há tantos anos. Depois de respirar fundo, abençoou-o, beijou-o na testa e antes de sair voltou-se para ele novamente, agora mais sereno.

- Não saia sem minha permissão.

Depois da meia-noite, na casa de San Pantaleo, à 1h da manhã, Calasanz, ainda acordado, na sua cama, ouviu batidas à sua porta.

- “Pode entrar”, disse ele, mas ninguém respondeu.

Bateram novamente como se alguém estivesse esperando do outro lado. Calasanz convidou-o a entrar novamente e mais uma vez ficou sem resposta. Mas antes que a batida fosse ouvida pela terceira vez, o santo velho pensou que talvez fosse seu filho amado pedindo permissão. Ele respondeu assim com espírito trêmulo e voz firme.

- Vá com Deus, filho, você tem minha permissão e bênção. Rezai por nós e por todos aqueles que virão ocupar o lugar que agora deixas vazio.

E baixando a voz murmurou um solilóquio que se transformou em oração:

- Você não é meu sucessor, mas o precursor de muitos que virão, vejo isso agora. Voa para o mais alto do céu, Glicério. Espere por nós

lá, onde todos os nossos desejos são realizados. *Quão desejáveis são as tuas moradas, Senhor do universo!... O pardal encontrou um lar e a andorinha um ninho... Bem-aventurados os que ali vivem, sempre te louvando!*

Bendito Glicério, você alcançou seu objetivo e seu lar.

Na manhã seguinte, bem cedo, chegou a notícia da casa do noviciado. Ao mesmo tempo que Calasanz respondeu com a sua permissão às batidas à sua porta, o servo de Deus morreu no Senhor por quem tinha vivido. Ele tinha apenas 30 anos, os últimos sete anos passados nas Escolas Pias. Aconteceu em Roma, no dia 15 de fevereiro de 1618. Ele voou para o céu, para inaugurar o coro escolápio ao lado da Virgem, com os anjos e os santos, diante de Deus.

De Cristo como Glicério

Dois meses depois da morte de Glicério, outro noviço escolápio escreve uma carta. Seu nome é Santiago Vaquedano, um grande colega e amigo. O destinatário é o Padre Domingo de Jesus e Maria, o carmelita que guiou Glicério às Escolas Pias. Diz assim:

“..Glicério era ardente no estudo das Sagradas Escrituras e na leitura dos santos Padres, fugindo de qualquer outra leitura profana. Reconheci nele um dom especial de Deus para compreender o significado das Escrituras e dos santos Doutores, com quem muito se deleitava.

Ele escreveu em um livro de próprio punho as sentencias daqueles para que pudesse usá-las em todas as necessidades. Entre outras, foi muito apegado à doutrina de São Tomás de Aquino e à de São Gregório Papa, tanto que durante a sua última doença, que durou cinco meses, terminou de ler todos os livros da Moral de São Gregório.

Então ele quis saber de mim o que mais ele deveria ler. Eu, que tinha a intenção de torná-lo apto, como ensinam os santos Padres, naquilo que se deseja para o sacerdócio, embora ele, considerando-se muito indigno, o tenha rejeitado (o que me consta como certíssimo), disse-lhe que tinha que ler os livros sobre a cura das almas de São Gregório. A mesma coisa que com esse propósito o fez ler, antes de adoecer, o livro da hierarquia eclesiástica do divino Dionísio. E depois teria que ler os livros sobre o sacerdócio, de São João Crisóstomo. Obedeceu completamente e leu os livros de pastoral de São Gregório; e ele anotou muitas coisas com sua própria mão em um livro.

E ele me deixava maravilhado porque, estando tão doente, este estudo sagrado não lhe fazia mal à saúde, pelo contrário, o fazia melhorar, como ele mesmo testemunhou muitas vezes. E disso também dou testemunho, pois foi assim que observei,

estando naquele tempo quase todos os dias com ele. E o médico também lhe deu permissão para fazê-lo. Mas enquanto eu esperava que ele recuperasse a saúde, então disse à sua paternidade para que ele começasse pouco a pouco a receber as ordens eclesiásticas e sagradas, praticando em cada uma delas durante o tempo estabelecido nos cânones sagrados e que, enquanto isso, ele esperasse para o estudo da teologia sagrada. Deus tinha disposto outra coisa para ele, tirá-lo de nós para Ele mesmo.

E dois meses antes de partir desta vida quis que eu transcrevesse para ele todas aquelas frases mais úteis dos santos Padres, que tratam da penitência. O que fiz foi reduzi-los a três ou quatro páginas, que ele lia todos os dias com muito sentimento. E muitas vezes caiu de joelhos aos meus pés com lágrimas, agradecendo-me aquele benefício, dizendo que daquelas frases dos Padres tinha aprendido o modo de fazer penitência, e que por isso agradecia a Deus, porque antes de morrer Ele tinha permitido que ele soubesse disso e pediu-lhe que restaurasse sua saúde e lhe desse mais dias de vida para chorar ainda mais seus pecados.

Lhe recitei também algumas frases dos santos Padres sobre a digna disposição de comungar espiritual e sacramentalmente com muitos frutos, cuja doutrina ficou impressa em seu coração, tornando-o muito mais fervoroso na comunhão, como pude perceber querendo ele que eu celebrasse a missa e lhe desse a comunhão na capela das Escolas Pias, ou na capela da casa de Mons. Vives onde ele ia, embora estivesse doente.

Finalmente, um mês antes de morrer, a conselho do médico foi morar perto de Santa Maria em Via, numa casa do noviçado das Escolas Pias, onde ocorreu a sua morte neste ano de 1618, no dia 15 de fevereiro, quinta-feira, às 19 horas, à noite, tendo recebido a extrema-unção, e tendo comungado na quarta-feira em sua capela, estando fora da cama.

Ele estava doente desde 20 de setembro, dia de Santo Eustáquio, dia em que também, em Milão, se celebrava a festa de São Glicério, bispo de Milão, que era da casa de Landriani, da qual era nosso irmão, também ele com este nome, Glicério Landriani. De onde se pode crer que este santo o desejou e o chamou para sua companhia, pois naquele dia adoeceu. E porque também eu, pecador, nasci neste dia a este mundo, espero que ele se lembre ainda mais de mim, seu indigno irmão, para me pedir a misericórdia divina, para que, tendo terminado o curso da minha vida, torne-me digno de ir desfrutar do nosso amor, Cristo Jesus, na sua companhia.

Tudo isso foi escrito para obedecer à sua paternidade, e chamo Deus como testemunha de que fiz todos os esforços para dizer apenas as coisas que sei serem verdadeiras.

Que a graça de Nosso Senhor mantenha a sua reverenda paternidade, e peço humildemente a sua bênção.

De casa, 17 de abril de 1618.

Da sua reverente paternidade, humilde servo em Cristo e filho indigno

Santiago Vaquedano”

Este perfil mostra Glicério como um homem íntegro. Dedicado seriamente à vida espiritual, ele procurou crescer em sabedoria e santidade. Ele esperava tornar-se cada vez mais idóneo um cooperador da verdade para educar as crianças e os jovens na piedade e nas letras. Ele queria que eles encaminhassem suas vidas e alcançassem a felicidade eterna. Pretendia assim contribuir, desde a raiz, para a reforma de um cristianismo dividido, assediado e enfraquecido.

Ainda pequeno, Glicério consagrou-se a Maria para ser, como ela, todo de Cristo. Na juventude seu caminho começou a se desviar, depois aceitou humildemente ser corrigido. Quando o seu fervor parecia transbordar, obedeceu aos seus mentores e canalizou a sua existência ardente e luminosa para a messe escolápia, sob a paternidade de Calasanz.

Desde então, sua vida breve e inspiradora encorajou outros jovens a seguir seus passos. Enquanto ele viveu e depois de morrer. Seu bom amigo Francesco Selvaggi é um exemplo, pois continuou como esmoleiro das Escolas Pias por muitos anos até a velhice.

Talvez haja um novo Glicério neste momento lendo estas páginas. Talvez alguém queira ser totalmente voltado para Cristo em castidade, pobreza e obediência; desapegado do mundo e dedicado ao bem das almas; bom amigo de seus amigos para arrastá-los após o Senhor; dócil aos seus mentores e capaz de atos nobres. Gente assim, de alma grande e voo alto. Talvez...

“Jesus e Maria possam sempre ocupar todo o coração do nosso queridíssimo no Senhor, o abade Glicério”, escreveu Calasanz ao seu jovem filho.

Para quem é a tua vida? O que ocupa teu coração?

Glicério Landriani nasceu em Milão em 1º de março de 1588, filho do casamento de Ana Visconti e Horácio Landriani. Por parte de mãe era parente de São Carlos Borromeo e do Cardeal Federico Borromeo. Por parte de pai era descendente de São Glicério de Milão, os três ilustres arcebispos daquela grande cidade. Seu tio paterno Marsílio Landriani foi núncio papal na França, bispo de Vigevano e legado papal em Bolonha e seu irmão Fabricio Landriani foi arcebispo de Pavia.

Concluiu os estudos universitários de filosofia, direito e teologia em Bolonha e em Roma, no convento de Santa Maria sopra Minerva dos frades dominicanos.

Aos dezenove anos ingressou no círculo piedoso do padre português Francisco Méndez, discípulo de São João de Ávila. Depois, sob a direção do Papa Paulo V, foi colocado sob a direção do Padre Domingo Ruzola, Carmelita Descalço, que o orientou para as Escolas Pias. Ingressou nesta obra em 1612. Participou da fundação de Frascatti em 1616. Em 2 de julho de 1617 vestiu o hábito escolápio e teve o beato Pedro Casani como mestre de noviços.

Distinguiu-se pelas suas extraordinárias habilidades como catequista e pelo seu amor à pobreza extrema. Com licença papal, fez a profissão religiosa *in articulo mortis* perante o Cardeal Protetor das Escolas Pias. Morreu no noviciado romano de Santa Maria in Via, em 15 de fevereiro de 1618, com quase trinta anos, em odor de santidade.

San José de Calasanz apresentou sua causa de beatificação, em cujo processo de informação atuou como testemunha. Foi interrompido pelas disposições gerais dadas por Urbano VIII sobre as Causas de beatificação. No final do século XIX foi retomado e em 1931 o Papa Pio XI assinou o decreto sobre a heroicidade das virtudes.

Ao realizar a autópsia, Calasanz ordenou que seu coração fosse colocado em um relicário, e o guardou por muito tempo em seu próprio quarto. Esta famosa relíquia ainda está preservada em Roma em espera da beatificação.

